

O seriado **Chaves**: da alienação à manipulação do povo mexicano durante as décadas de 1970 e 1980

Aline Silveira*
Camila Gonçalves Wlinger
Mauro Sérgio Silva

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o programa de televisão **Chaves**, transmitido pela Televisa, na cidade do México, na década de 1970. Trabalharemos a infiltração ideológica promovida pelo texto do seriado a partir do conceito de indústria cultural, enfatizando, para isso, o contexto político-econômico no qual o México vivia, no momento em que o programa foi criado. A indústria cultural mexicana cria o personagem Chaves como o rosto do colonizado visto pelo colonizador, interpondo uma dialética dos pobres na compreensão dos verdadeiros problemas da América Latina. Mídia e política são imbricadas no seriado, conduzindo o telespectador a um entendimento desfavorável da situação vivenciada pelas populações urbanas mexicanas de um modelo de sociedade afirmado pela expectativa frequente de acompanhar a parte hegemônica do capitalismo nas Américas.

Palavras-chave: México; Indústria cultural; Chaves; Ideologia; Controle social; Mídia e Política.

O objetivo deste artigo é analisar, a partir do conceito de Indústria cultural, de Adorno, o programa de televisão **Chaves**, o qual vem sendo exibido durante anos em diversos países. Utilizando o conceito cultural elaborado por Theodor Wiesengrund-Adorno, a indústria cultural pode ser definida como um conjunto dos meios de comunicação – radio, televisão, cinema, entre outros – que, por serem de uma elite econômica, manipulam as informações, exercendo o controle social, ou seja, o homem nessa indústria cultural é subjugado apenas a consumir e a seguir suas determinações: “A transformação do público da cultura em consumidor de produtos em série coloca-o numa posição de subordinação frente aos executivos da indústria cultural.” (COELHO *apud* HORKHEIMER, 2002, p. 3).

México: uma breve contextualização das décadas de 1970 e 1980

Antes de iniciar esta análise é preciso entender em que contexto político-econômico o México vivia no período em que o programa **Chaves** surgiu. O México promulga sua primeira constituição em 1917, em meio à Primeira Grande Guerra

* Bacharéis licenciados em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Mundial. Vale lembrar que essa Constituição foi inspirada na Constituição Bolchevique de 1917, da URSS, promulgada por Lenin. A Revolução de Outubro na Rússia, também conhecida como Revolução Bolchevique ou Revolução Vermelha, foi a segunda fase da Revolução Russa de 1917, depois da Revolução de Fevereiro do mesmo ano. Começou com o golpe de estado, liderado por Vladimir Lenin e pelos bolcheviques, contra o governo provisório, em 25 de outubro de 1917 – pelo calendário juliano – e 7 de novembro – pelo calendário gregoriano. Foi a primeira revolução comunista marxista do Século XX e deu o poder aos bolcheviques. Não podemos afirmar que o modelo mexicano de Estado seguia o russo, porém, as reivindicações operárias camponesas inscritas no seu texto aproximavam-se muito da proposta bolchevique. “Paz e terra” era um lema bastante usado pelos revolucionários mexicanos em sua luta contra a ditadura civil-militar, que dominava o país desde 1876. Refiro-me ao período de 30 anos, durante o qual o general Porfirio Díaz governou o país intermitentemente, desde 1876, sucedido, no final, pelo governo de Sebastián Lerdo de Tejada, com o rompimento com o presidente Manuel González, que governou de 1880 a 1884. Em maio de 1911, Porfirio Díaz renunciou à presidência por força da Revolução Mexicana, liderada por Francisco I. Madero, Francisco Villa, Emiliano Zapata, Enrique Flores Magón e Ricardo Flores Magón.

Esses 30 anos representaram um período de estabilidade e progresso econômico para o país, mas também apresentou graves desigualdades sociais, concluindo-se com um movimento que interrompeu as estruturas sociais, políticas e econômicas do México.

Nesse contexto conturbado, a constituição foi abalada por seguidas tentativas de golpes. Em 1929, Calles conseguiu reunir as diversas facções políticas e formar o Partido Nacional Revolucionário, que, a partir de 1938, adotou o nome de Partido da Revolução Mexicana – PRM – e, em 1946, passou a chamar-se Partido Revolucionário Institucional – PRI – nome que mantém ainda hoje.

Nesse período, destacou-se o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940) que preservou o discurso nacionalista e o controle sobre o movimento sindical; normalizou as relações com a Igreja e com os EUA; e promoveu a "modernização do País", exemplificando bem o significado do populismo na América Latina. O governo Cárdenas manteve-se dentro dos limites da democracia tradicional e burguesa e, apesar da declaração de princípios do PRM, o México jamais teve um governo dos trabalhadores ou uma democracia popular.

A modernização do país trouxe alguns benefícios econômicos à classe operária, no entanto, manteve-na atrelada ao Estado, que procurava manter o equilíbrio entre patrões e trabalhadores. Dessa maneira, o movimento de massa teve que apoiar-se em instituições do Estado, como o Exército, o Poder Executivo e, claro, o Partido responsável por cooptar grande parte dos trabalhadores a partir de uma política de favores desenvolvida pela máquina pública.

Desde o ano de 1946, o PRI se converteu ao partido hegemônico do sistema político desse país, pois até os anos 1980 nunca tinha perdido uma eleição estatal. O governo do PRI se estabeleceu durante o período de 1929 até 2000. Sua trajetória no poder foi interrompida pelo PAN – Partido da Ação Nacional do México – partido político que sempre deu legitimidade ao autoritarismo legalista do PRI. A estabilidade dos anos 1940 foi seguida pelo crescimento econômico dos anos 1950, as tentativas de introduzir reformas moderadas no sistema, nos anos 1960, e o giro para a esquerda nos anos 1970.

No México, diferentemente do restante da América Latina, não houve Regime Militar no poder, mas sim, práticas de dominação e restrição dos direitos da população civil (tortura, repressão política, corrupção e burocratização estatal). O Exército possuía pouco prestígio nas cidades mexicanas, portanto, “se alguém quer adquirir força política, se quer exercer o poder no México, o primeiro lugar onde pensa em se instalar para fazer carreira não é o Exército, é o PRI. É o sistema político civil.” (PAZ *apud* TURNE, 1989, p. 159). Durante o período de seu poder, as eleições eram nada mais que uma simulação de uma aparente democracia. Sendo assim, o PRI vestiu-se com o rotulo de democrata, porém, ele era autoritário como as ditaduras. Podemos perceber o autoritarismo do PRI no texto crítico de Octavio Paz. (1979):

O sistema político mexicano está fundado em uma crença implícita e inalterável: o presidente e o partido encarnam a totalidade do México. [...] O PRI não é um partido político majoritário: é a unanimidade. O presidente não é só autoridade política máxima: é a encarnação da história mexicana. [...] O autoritarismo mexicano diversamente do caudilhismo hispânico e latino-americano é legalista e as raízes deste legalismo são religiosas. (PAZ, 1979, p. 171).

De 1968 a 1970, o México se tornou o centro das atenções mundiais, pois estava sediando as Olimpíadas de Verão, na Cidade do México, e a Copa do Mundo de Futebol, o que ajudou o país a conter as revoltas e insurreições à sua democracia legalista, porém, estudantes da *Universidad Nacional Autónoma de México* – UNAM, em

Tlatelolco, tentaram explorar essa visibilidade que o mundo proferia ao México e foram sumariamente mortos apenas dez dias antes do início dos jogos olímpicos.

Chaves: o nascimento de um fenômeno!

Em meio à turbulência política, à explosão demográfica e ao processo de urbanização mexicana, fatores cuja soma resulta no processo de pauperização, foi criado o programa de televisão **Chaves**, que mostra bem esse processo de urbanização e pobreza da população mexicana, mas não se refere de modo algum à política ou ao sistema de governo estabelecido.

Em 1971, foi ao ar a primeira temporada completa de **El Chavo Del Ocho**,¹ no México, criado por Roberto Gómez Bolaños, que protagonizava a série transmitida pela TV TIM – *Televisión Independiente de México*. O sucesso de **Chaves** possibilitou, em 1973, que a TV TIM se unisse a uma emissora mais moderna, a Televisa. Essa emissora é, na verdade, de um grupo de comunicação que possui quatro canais: dois em rede nacional, um em semirede e outro local no México. Na Televisa, **Chaves** cresceu, foi exibido em todo México e ainda foi exportado para vários países da América Latina, sendo transmitido em mais de 80 países, incluindo a Rússia, a Coreia do Sul e a Arábia Saudita.

Analisando o programa **Chaves**, podemos ter um retrato da sociedade mexicana, no qual cada personagem tem sua representação. Encontramos primeiramente o burguês, dono de imóveis, o Senhor Barriga; o intelectual e o único que trabalha, de fato, o professor Girafales; a aristocrata Dona Florinda, viúva de um militar comandante da marinha que vive da pensão do seu marido e cria seu filho mimado, Kiko; a aposentada Dona Clotilde; o Seu Madruga, que pode ser comparado com o malandro brasileiro, pois não tem um emprego fixo, vive de “bicos”, não paga o aluguel e cria sua filha, Chiquinha; e, por fim, o menino pobre e marginalizado pela sociedade, o Chaves.

Esse último personagem pode ser direcionado no imaginário da sociedade como um herói escondido. Diferentemente de Chapolin,² que sempre vence por ser um herói, Chaves acaba ganhando esse título por ser de origem humilde e, mesmo assim, vencer as adversidades da vida. É por isso e outros motivos que **Chaves** consegue atrair tanto

¹ Segundo Luís Joly, Fernando Thuler e Paulo Franco o número oito era referente ao canal e não à idade do Chaves, além disso, o nome do programa foi traduzido erroneamente como Chaves, pois *Chavo* significa “garoto”, “moleque”.

² Outra série mexicana criada e protagonizada por Roberto Gómez Bolaños, o mesmo criador de Chaves.

crianças como adultos.

El Chavo Del Ocho explora, com humor, as situações do dia a dia e mal entendidos sempre com uma ótica otimista. A série se sustenta na história do garoto Chaves, que vive em uma vila da periferia de uma grande cidade, na qual é abordado, superficialmente, o abismo social entre vizinhos, a fome e o desamparo das crianças de rua e a relação entre os vários âmbitos sociais.

Em meados da década de 1970, o seriado **Chaves** deu início à sua fase áurea com o seu elenco completo e suas melhores histórias. Em 1978, o seriado alcançou o seu auge, chegando a ter episódios filmados ao ar livre, na cidade de Acapulco, que até hoje é considerada o pólo de turismo do México; na década de 1970, a viagem para essa cidade era considerada o sonho de boa parte da população mexicana.

O psicanalista Jacob Pinheiro Goldberg afirma que o sucesso de **Chaves** está “sustentado nos heróis e vítimas, na tradição quixotesca, que despertam o lúdico e infantil na sua exposição máxima. É a mentira e a hipocrisia da linguagem e da sociedade. Isso tudo no tempo pobre da pobre América Latina.” (JOLY; THULER; FRANCO; 2005, p. 83). Segundo Cláudio Tognolli, jornalista e mestre em psicanálise, “ele [Chaves] é despojado, é despretenso. É a pessoa sem maldade, ou seja, a criança. Chaves representa o nosso paraíso perdido.” (TOGNOLLI *apud* JOLY; THULER; FRANCO, 2005, p. 82-83).

No auge da popularidade, em meados da década de 1970, o programa **Chaves** já era exibido em mais de 90 países e obteve uma audiência mundial estimada em 350 milhões de telespectadores, tornando-se o programa mais assistido na televisão mexicana.

Uma descrição do programa Chaves

No programa **Chaves** vemos, através de cada personagem, um retrato caricato do México e da sociedade latino-americana. Podemos perceber a ligação entre os personagens e os telespectadores na fala de Luís Joly, Fernando Thuler e Paulo Franco (2005) quando afirmam:

O estereótipo tem, em muito do seu significado, uma ligação com o desejo do homem de se ver; os primeiros antepassados já tinham prazer em assistir a si mesmos, por assim dizer. Quando vê aos outros, o homem na verdade enxerga uma imagem própria, o maior objetivo da cerimônia. É exatamente o que ocorre quando cada um enxerga o seu personagem em **Chaves**. (JOLY; THULER; FRANCO, 2005, p. 81).

Percebemos, durante todo o programa, a presença do assistencialismo do Estado com a Dona Florinda, que vive de pensão. O Seu Madruga passa a ideia de que é possível viver feliz na pobreza e sem trabalhar, afinal, durante toda a série ele só realiza bicos, sendo mais de 18 trabalhos diferentes, entre eles: pintor, carpinteiro, fotógrafo e treinador de boxe. Chaves passa a imagem da ingenuidade do menino pobre, marginalizado, de bom caráter e que, ainda por cima, frequenta a escola, realidade totalmente oposta à maioria dos meninos que se encontram na mesma situação. E, por fim, temos o Seu Barriga: como burguês “bonzinho”, que aceita inquilinos que devem 14 meses de aluguel e leva meninos carentes para viajar, como no episódio em que o Chaves vai pra Acapulco. Dono de vários imóveis, Seu Barriga ganha a vida recebendo dividendos. Podemos perceber também a questão do núcleo familiar; afinal, nenhuma família mostra-se completa – a única família completa seria a do Senhor Barriga, mas a mãe do Nhonho nunca está presente, sempre está viajando.

Apesar de sempre se referir à desigualdade social de forma engraçada, ela está inserida no programa de todas as formas. Uma das mais frequentes formas de manifestação é o Kiko, que sempre mostra os seus brinquedos para o Chaves, menino de rua, e para a Chiquinha, menina pobre, para aguçar a inveja de ambos e mostrar a superioridade de sua classe social, porque sabe que eles não têm condições de comprar os brinquedos caros que sua mãe, Dona Florinda, lhe dá. Outra forma de manifestação está inserida nos bordões de Dona Florinda e de Kiko: Dona Florinda, “não se misture com essa gentalha”, e o Kiko, “Gentalha, gentalha, gentalha!”.

O programa também abordava, de forma branda, temas políticos internacionais, como por exemplo, a Guerra Fria citada sutilmente em um episódio, em que a Alemanha iria jogar com o México e a Chiquinha pergunta para o seu pai qual delas iria jogar. Seu Madruga responde que só há uma Alemanha. Após ser corrigido pela filha, que afirma existir duas Alemanhas, a Oriental e a Ocidental, Seu Madruga afirma que a única diferença é que em uma se consome vodka e, na outra, cerveja.

Programa Chaves: revelador ou alienador da população mexicana?

Chaves foi um sucesso que atingiu todas as idades e todas as classes. Ao assistir **Chaves**, as pessoas, de um modo geral, não percebem as críticas sociais presentes na série, pois recorrem ao programa como uma válvula de escape para os problemas cotidianos. Esse passa a ideia de que:

O mundo quer ser enganado. [...] não somente os homens caem no Logro, como se diz, desde que isso lhe dê uma satisfação por mais fugaz que seja, como também desejam essa impostura que eles próprios entrevem; esforçam-se por fecharem os olhos e aprovam, numa espécie de auto desprezo, aquilo que lhes ocorre e do qual sabem por que é fabricado. Sem o confessar, pressentem que suas vidas se lhes tornam intoleráveis tão logo não mais se agarrem à satisfação que, na realidade, não o são. (ADORNO, 1987, p. 292).

O programa surgiu em 1971, mas sua fase de maior sucesso foi na metade da década de 70, fase em que o elenco é apresentado completo, alcançando o auge de sua audiência de 1975 até 1978. Nesse período, ocorre a crise econômica de 1976, que se prolonga até 1982, considerada a Década Perdida. Nessa crise, o peso mexicano foi desvalorizado e, até o ano 2000, era normal ocorrer a desvalorização da moeda e um período de recessão no final de cada mandato presidencial, ou seja, de seis em seis anos. Observando esse contexto, percebemos como a Televisa, submissa ao governo do PRI, usa o programa **Chaves** para manter a ordem e a esperança dos menos favorecidos, pois, em 1978, a série passa a ter episódios especiais em Acapulco, em que o elenco já citado demonstra as chances de qualquer cidadão mexicano conhecer o “paraíso”. Segundo Teixeira Coelho, procurando a diversão, a indústria cultural estaria mascarando realidades intoleráveis e fornecendo ocasiões de fuga da realidade. (2002). Por outro lado, com seus produtos, ela pratica o reforço das normas sociais, promovendo, assim, o conformismo. Vale ressaltar que o logotipo da Televisa criado por Pedro Ramirez Vásquez, em 1972, retrata o olho de um mexicano vendo o mundo através da televisão, portanto, podemos afirmar que, a partir da análise do logotipo, a Televisa manipula as informações para que o mexicano veja somente aquilo que ela quer.

O programa **Chaves** é usado para dar esperanças ao povo mexicano, principalmente quando vemos a figura do protagonista, pois, mesmo de origem humilde, vence as adversidades da vida. Ele não planeja nada, apenas vive baseado em seu instinto, o agora.

Vale frisar que o Seu Madruga é um dos personagens que mais oferece o sentimento de esperança, principalmente se analisarmos algumas suas famosas falas: “Não há nada mais trabalhoso do que viver sem trabalhar”; “Não existe trabalho ruim, o ruim é ter que trabalhar”; “Eu gosto de dar oportunidades aos mais jovens. E tenho esta nobre atitude desde os meus quinze anos”; “Quando a fome aperta, a vergonha afrouxa”; “Na vida temos que sacrificar algumas coisas para conseguir outras”; “Do que adianta algumas pessoas terem tanto dinheiro no bolso se não têm nem um pingão de caráter?”; “Posso não ter um centavo no bolso, mas tenho um sorriso no rosto e isso

vale mais que todo dinheiro do mundo”; “Não existe dinheiro que compre um sorriso”. Com essas falas, podemos perceber que o personagem é um pobre desempregado e preguiçoso, mas honesto e que consegue viver a vida mesmo sem dinheiro. Ele demonstra aos telespectadores que a felicidade não vem com o dinheiro e que, mesmo desempregados e/ou com pouco dinheiro, eles podem ser felizes, pois felicidade não se compra, deve ser adquirida. Pensamento esse que dava esperança para uma sociedade pobre e que se encontrava em meio a uma turbulenta crise econômica.

A partir dessa análise, podemos afirmar que **Chaves** é um produto da indústria cultural, pois, embora ele possua críticas sociais colocadas sutilmente, serve para o setor dominante como um fator de “alienação e manipulação” da população latino-americana. Adorno explica que esse tipo de programa “impede a formação de indivíduos, autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. Mas estes constituem, contudo, a condição prévia de uma sociedade democrática, que não se poderia salvaguardar e desabrochar senão através de homens não tutelados.” (1987, p. 295).

O público possui uma relação de dependência com a indústria cultural, consumindo seus produtos sem necessariamente acreditar neles, ou seja, o público engana a si mesmo, agindo de acordo com as expectativas produzidas por essa indústria. Uma sociedade homogênea, uniforme e de igualdade abstrata – é fruto e um esforço e mesmo de uma “cegueira voluntária”, pois o não pensar não significa não querer pensar, mas querer não pensar (CALDAS apud LEFORT; BAUDRILLARD, 1975, p. 32).

No caso do programa **Chaves**, a expectativa é de relaxamento e divertimento do sujeito, para que ele não pense sobre seu cotidiano. O programa acaba por ser o reflexo do cotidiano, pois é baseado nas mesmas repetições dos conflitos e das piadas, “a indústria cultural pode proporcionar uma distração sob medida para aqueles que têm que retornar ao trabalho repetitivo. Eles gozam, no divertimento, da mesma repetitividade a que estão sujeitos no cotidiano.” (FREITAS, 2005, p. 344). É interessante frisar que **Chaves** não é apenas um programa alienador, pois não é esse o caso. O programa tem certa quantidade de críticas às estruturas sociais, porém se limita a isso, ou seja, ele não aprofunda as suas críticas nem abre o leque de possibilidades, como, por exemplo, criticar o sistema político vigente. Retomando uma sugestão dada pelo crítico Silviano Santiago, a partir da obra de Octavio Paz – **O Ogro Filantrópico**, o mexicano dos anos 1970/80 é um ser americanizado, movido pelos saberes dos gringos, seus principais empregadores e financiadores sociais. É um *pachuco*; “concidadão americanizado,

porém, sempre distante de suas raízes”, um pária em seu próprio país. O seriado tenta, em vão, valorizar a cultura pátria naquilo que ela tem de mais subserviente e fetichizado. O menino pobre que vive dos favores alheios e da caridade.

De acordo com Teixeira Coelho (1996), a cultura feita em série, industrialmente, passa a ser vista como um produto qualquer que deve ser consumido como qualquer um do que como um instrumento de crítica. Não que os telespectadores de **Chaves** sejam acríticos, mas eles preferem se divertir. Sendo assim, o programa passa a ser um produto para divertimento, na verdade, para a distração, pois esta é de mais simples assimilação, produzindo, assim, uma sensação estimulante e narcótica para as pessoas conseguirem viver alegres seus cotidianos quase insuportáveis.

The Chaves Series: from alienation to manipulation of the Mexican people during the 1970s and 1980s.

ABSTRACT

This article analyses the TV program Chaves, transmitted by Televisa in Mexico City in the 1970's. The work consists in an ideological infiltration promoted by the series' text from the concept of Cultural Industry emphasizing the economical and political context in Mexico during the time the program was created. Mexican Cultural Industry elaborated the character Chaves as an image of the colonized seen by the colonizer introducing a different comprehension of the true problems of the Latin America. Media and politics are intertwined in the series inducing the viewer to an adverse understanding of the situation lived by the Mexican urban population which in general endorses the stronger side of the hegemonic capitalism present in Latin America.

Keywords: Mexico; Cultural Industry; Chaves; Ideology; Social Control; Media; Politics

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. A Indústria Cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e "cultura de massa" nessa sociedade. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987. p. 287-295.

ADORNO, Theodor W. **Adorno**: textos escolhidos. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. O Conceito de indústria cultural e a comunicação na sociedade contemporânea. **Communicare**: revista de pesquisa, São Paulo , v.2, n.2 , p. 35-46, jul. 2002.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CURZIO, Leonardo. O México no século XX: da revolução a democracia. In. AGGIO, Alberto e LAHUERTA, Milton (Org.). **Pensar o Século XX**: problemas políticos e história nacional na América Latina. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. p. 315.

FREITAS, Verlaine. Indústria cultural: o empobrecimento narcísico da subjetividade. **Kriterion**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte , n.112 , p. 332-344, dez. 2005.

JOLY, Luis; THULER, Fernando e FRANCO, Paulo. **Chaves**: Foi sem querer querendo? São Paulo: Matrix, 2005. p. 157

PAZ, Octavio. **O ogro filantrópico**: história e política, 1971-1978. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.